

3 F. eleição

01 MAR 1994

Curral de votos

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, a cidade mais moderna do mundo, já tem currais de eleitores espalhados pelo Distrito Federal. É uma situação parecida com o que se passava nos vilarejos brasileiros logo após a democratização de 1945.

Tal qual os cabos eleitorais pastoreavam os votantes de Pau Terra, ali nos arredores de Anápolis, os "líderes comunitários" tratam de manter a ordem nos currais brasilienses. Mereceram o apelido refinado porque o campo de ação é muito mais vasto e o universo de eleitores contado em centenas de milhares. Só em Taguatinga, Ceilândia e Samambaia são quase 370 mil votos.

Em linhas gerais o quadro do "coronelismo" é perfeito. Os tais líderes comunitários têm emprego público, ganham lotes em assentamentos e favores diversos.

Nesta volta a épocas de triste memória, só falta o líder moderninho usar carroças para levar os eleitores até as urnas — esses veículos de tração animal

vistos a todo momento no Plano Piloto (mais um anacronismo em meio às formas arrojadas e futuristas da arquitetura de Brasília).

A questão pode ter um ar jocoso, mas é séria, seriíssima. Como admitir na capital da República quem luta por autonomia plena, sobretudo financeira, práticas de há muito abolidas no Brasil ou pelo menos em suas cidades grandes? Pior é saber que nos trinta e tantos anos de Brasília a sua vida política ainda não cumpriu a primeira década. Se em tão curto espaço de tempo houve tamanha regressão nos costumes politiqueiros, é bem fácil antever um futuro jamais imaginado por idealizadores e construtores de uma centro exemplar de civilização.

Algo precisa ser feito com urgência para remover a nódoa que, além de comprometer a grandeza de Brasília, macula a democracia, o regime ideal para um povo civilizado.